

A TRANSFORMAÇÃO DE UMA FILOSOFIA TERAPÊUTICA À INSTITUCIONALIZAÇÃO*

THE TRANSFORMATION OF A THERAPEUTIC PHILOSOPHY TO INSTITUTIONALIZATION

CESAR AUGUSTO VERAS**

PEDRO PEREIRA BORGES***

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO, BRASIL

Resumo: O presente trabalho visa contribuir na elucidação no modo de ver e pensar a filosofia - de modo particular o período clássico - que não se separa da história do desenvolvimento do Ocidente. O objetivo geral estabelecido consiste em verificar o processo de transformação da filosofia antiga, esta que surge com questionamentos terapêuticos e acaba se institucionalizando, tendo de responder aos ditames do estado. Quanto ao método, o que será usado para fins deste trabalho será o indutivo-dedutivo. Quanto à metodologia adotada, esta será de caráter bibliográfico, ou seja, será feito um levantamento em referências bibliográficas disponíveis para todos, publicadas pelos diversos meios disponíveis, isto é, impresso ou virtual, sem prejuízo à produção do conhecimento. Frente a esse objetivo, foram possíveis chegar a algumas considerações. Dentre elas, pode-se destacar três pontos, sendo eles: 1) A crise do pensamento filosófico tem suas motivações já na era clássica; 2) As ideias que perpassam a filosofia clássica são fruto de um constante processo de síntese, reformulação e inovação a partir daquilo que ora fora pensado. 3) Por fim, o papel do filósofo consiste em pensar aquilo que já fora pensado e repensar quantas vezes forem necessárias com o objetivo de chegar à verdade e oferecer caminhos frente as dificuldades encontradas no cotidiano da vida. Nesse sentido, a filosofia pode ser vista também como a história do desenvolvimento do modo que o ser humano pensa, age e se desenvolve, estando ela unida a todos os aspectos relacionados a este sujeito e não fragmentada e restrita apenas a comentar autores e textos dentro de um escritório.

Palavras-chave: Autoconhecimento. Filosofia como modo de vida. Desenvolvimento. Terapia. Institucionalização.

Abstract: The present work aims to contribute to the elucidation in the way of seeing and thinking philosophy - in a particular way the classical period - that is not separated from the history of the development of the West. The general objective is to verify the process of transformation of the ancient philosophy, which arises with therapeutic questions and ends

* Artigo recebido em 21/08/2018 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 30/11/2018.

** Pós-Graduando em Docência no Ensino Superior pela Universidade Católica Dom Bosco, Brasil. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2914168692412018>. E-mail: semcesaraugusto@gmail.com

*** Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2695692576027459>. E-mail: poboajari@uol.com.br

up being institutionalized, having to respond to the dictates of the state. As for the method, what will be used for purposes of this work will be the inductive-deductive. Regarding the methodology adopted, this will be a bibliographical character, that is, a survey will be made in bibliographical references available to all, published by the various means available, that is, printed or virtual, without prejudice to the production of knowledge. Against this objective, it was possible to arrive at some considerations. Among them, three points can be highlighted: 1) The crisis of philosophical thought has its motivations already in the classical era; 2) The ideas that pervade classical philosophy are the result of a constant process of synthesis, reformulation and innovation from what was previously thought. 3) Finally, the role of the philosopher is to think what has already been thought and to rethink as many times as necessary in order to arrive at the truth and offer ways of facing the difficulties encountered in the daily life. In this sense, philosophy can also be seen as the history of development in a way that the human being thinks, acts and develops, being united to all aspects related to this subject and not fragmented and restricted only to commenting on authors and texts within of an office.

Keywords: Self-knowledge. Philosophy as a way of life. Development. Therapy. Institutionalization.

1. INTRODUÇÃO

Diante da busca de respostas que realiza ao longo da história, o ser humano sempre buscou se questionar sobre o sentido da sua existência. As perguntas mais cruciais sempre foram “quem sou eu?”, “de onde vim?” e “para onde eu vou?”. A filosofia foi um dos campos de conhecimento que procurou dar respostas a estas perguntas essenciais. Este trabalho faz uma abordagem filosófica, tendo por finalidade perceber como o ser humano se utiliza da filosofia como um meio para responder às crises e indagações acerca de sua condição existencial. O recorte adotado nesta pesquisa consiste na compreensão do processo de transição entre uma filosofia que surge eminentemente “terapêutica” a uma filosofia que acaba se institucionalizando, passando a responder aos ditames do e estado.

A história é marcada por uma gama de personagens que valorizaram ora a experiência, ora o afastamento da experiência na tentativa de compreender o mundo em que viviam. Ao longo da história do Ocidente o ser humano tentou encontrar resposta às perguntas essenciais, propondo diversos modos de vida, a fim de que a vida fosse possível ser vivida. Desse modo, a filosofia ao longo do seu desenvolvimento no Ocidente, ficou marcada pela busca da verdade, porém, com a institucionalização da filosofia, o ser humano

acabou se esvaindo da motivação primeira, a qual leva ao surgimento desta “ciência”. Para responder desenvolver essa pesquisa, o método adotado será o indutivo-dedutivo. Enquanto que, a metodologia adotada será de caráter bibliográfico, isto é, materiais publicados pelos diversos meios disponíveis, ou seja, tanto impresso quanto virtual.

Nesse sentido, para elucidar a compreensão ao objetivo proposto, o presente trabalho se divide em cinco subtópicos, a saber: 1) Sócrates: o conhecimento de si; 2) O conceito de ideia e a transformação da sociedade; 3) Aristóteles: a estruturação da ciência; 4) De uma vivência da filosofia à “institucionalização”.

2. SÓCRATES: O CONHECIMENTO DE SI

Após o período da tirania, vivenciada por volta do século VI a.C, em Atenas, iniciou-se um processo democrático. Para isso se faziam fundamental homens que tivessem uma formação adequada ao assumir o papel político. Como resposta a essa necessidade, diante da democracia emergente, surgiram os Sofistas, sendo que estes se incumbiram de formar o homem político. Desse modo, “o problema que eles tentaram e conseguiram resolver, problema aliás muito geral, é o da formação do homem político” (MARROU, 1973, p. 83). O ensino dos Sofistas se voltou inteiramente a este novo ideal - da política -, tendo por finalidade formar o cidadão para a carreira do homem de Estado. Assim, “aparece em primeiro plano a figura do homem que fala bem, do cidadão, e o interesse do ateniense volta-se para a realidade política, civil e, portanto, para o próprio homem” (MARIAS, 2004, p. 39).

Um dos aspectos principais da formação sofística consistiu em ensinar a vencer toda discussão possível. Além de persuadir, outro objetivo dos sofistas foi o de ensinar a arte de falar, pois, “especialmente na vida política, a palavra falada é rainha” (MARROU, 1973, p. 90). A democracia outorgava a proeminência da palavra, a capacidade de o homem impor suas ideias à assembleia por meio do discurso.¹ “A sofística move-se num âmbito retórico. Trata-se de dizer as coisas de modo que convençam, de dizer bem. [...]. Diante disso, Sócrates (469-399 a.C) e Platão (428/427-348/347 a.C.) reivindicarão o bem pensar, ou seja, a verdade” (MARIAS, 2004, p. 40). A filosofia pregada pelos sofistas acabou sendo, assim,

¹ Este mesmo tema, a arte da retórica e as regras para o discurso Aristóteles irá retomar de modo mais específico em seu tratado sobre lógica denominado **Órganon** e em sua obra sobre a **Retórica**.

estritamente voltada à retórica, correndo o risco de perder-se, pois não teve a finalidade da buscar a verdade. Por volta do século V a.C., o homem, que outrora estava preocupado com o mundo, começou então a voltar para si, tomou consciência da necessidade de indagar-se sobre quem ele é. Nesse contexto, sendo contemporâneo aos sofistas, Sócrates exerceu um papel fundamental, recolocando a verdade no centro do conhecimento, acreditando que a mesma é inseparável da pessoa.²

Na perspectiva socrática, segundo Vaz (1991), o sábio não é aquele que sabe tudo, mas é aquele que está consciente de nada saber e por isso vive numa procura constante. O saber se encontra no mais íntimo de nosso ser, que é a alma.

Na visão socrática, o “humano” só tem sentido e explicação se referido a um princípio interior ou a uma dimensão da interioridade presente em cada homem e que ele designou justamente com o antigo termo de “alma” (*psyché*), mas dando-lhe uma significação essencialmente nova e propriamente socrática (VAZ, 1991, p. 34).

Em vista disso, o conhecer, para Sócrates, na concepção de Vaz (1991), é adentrar o íntimo, desvelar a alma. Ele – Sócrates - coloca em dúvida o saber aparente, aquilo que os outros acreditam possuir, mas não possuem. O aparente nada vale e apodrece como o corpo. O saber incorruptível é aquele que ninguém pode ferir, não depende do outro, mas de si mesmo. Conforme Hadot (1998), depois de ter dialogado com Sócrates, o interlocutor já não sabe de mais nada, toma consciência de suas contradições internas e externas, duvidando de si mesmo, tendo como resultado, depois de confrontar-se, a clareza de só saber que nada sabe. "Desse sentimento de privação nasce um imenso desejo. Eis por que Sócrates, o filósofo, revestirá, para a consciência ocidental, os traços de Eros, o eterno vagabundo em busca da verdadeira beleza" (HADOT, 2012, p. 26). O objeto de análise no diálogo socrático não é o conteúdo, mas o interlocutor em si, sendo ao mesmo tempo sujeito do conhecer e objeto que é conduzido ao desnudamento.

O saber socrático é fruto de escolhas. Por exemplo, se não é possível escolher a morte, porque não é conhecida pelo ser humano, então escolhendo-a o ser humano partirá do pressuposto de que a conhece. Logo o indivíduo não saberá nada porque seria necessário

² Na leitura de Mariás (2004, p. 42), quando Sócrates começou a vir à tona, aparentava ser apenas mais um sofista, entretanto mais tarde foi possível perceber nele a superação da sofística, resgatando além disso a compreensão da verdade no imaginário grego.

morreu para conhecê-la. Sobre o valor a ser atribuído à morte Sócrates nada sabe, entretanto, “ele sabe o valor da ação moral e da intenção moral, pois elas dependem de sua escolha, de sua decisão, de seu empenho; elas têm, portanto, sua origem nele mesmo” (HADOT, 2014, p. 61-2). A escolha de valores ocorre depois de uma profunda experiência interior, experiência tal conduzida pelo *daímon*, essa voz divina que fala no indivíduo e o impede de fazer certas coisas. Sendo assim, “é na “alma”, em suma, que tem lugar a opção profunda que orienta a vida humana segundo o justo ou o injusto, e é ela, portanto, que constitui a verdadeira essência do homem, sede de sua verdadeira *areté*” (VAZ, 1991, p. 35).

O método dialético de Sócrates tinha por finalidade colocar o outro em confronto com “o sigo mesmo” (consigo), utilizando-se da ironia⁴ e da maiêutica⁵, motivo pelo qual muitos queriam sua morte. Pela ironia levava o homem a dar conta de si. A refutação era tida como um ato de purificação. Sempre se colocava como interrogante, desprezava a si mesmo conscientizando-se primeiramente de que nada sabia. “Com insistência, buscava respostas para perguntas que jamais haviam sido feitas, procurava derrubar pressupostos e crenças convencionais para provocar uma reflexão mais cuidadosa sobre as questões éticas” (TARNAS, 1999, p. 47).

Por meio do método dialético, Sócrates levava o seu interlocutor a retirar a máscara que cobria o que tinha de mais belo. Induzia o outro a desnudar o próprio interior a fim de viver a plena liberdade. Sendo assim, para ser livre era necessário conhecer a si mesmo e este conhecer implicava ir ao cerne. Sócrates partia sempre do pressuposto de que a única coisa certa era saber que nada sabe.

Acreditava que somente através do autoconhecimento e da compreensão da psique poder-se-ia encontrar a verdadeira felicidade. [...]. A felicidade não seria a consequência de circunstâncias físicas ou externas, da riqueza, do poder ou da reputação, mas de uma vida boa para a alma (TARNAS, 1999, p. 49).

³ Segundo Vaz (1991, p. 34), *areté* é traduzida por excelência – aquilo que o indivíduo se destina a fazer – ou virtude – esta que reside na alma e a partir da qual constitui a essência do homem.

⁴ A ironia caracteriza um tipo de humor, que visa simular acreditar no que o interlocutor afirma, para assim leva-lo a reconhecer que nada sabe.

⁵ Este termo é empregado por conta de sua mãe que era parteira, então parte da concepção de que é necessário também trazer à luz aquilo que está obscuro. Utilizando-se da ironia, torna as coisas indistintas do que é verdadeiro e falso. Por meio da maiêutica visava ir além do que era meramente aparente.

Desse modo, após conversar com Sócrates, o interlocutor, ao final do processo, se dava conta de que suas ações não tinham um sentido, tampouco a própria vida, já que não atribuiu fundamento ao modo de viver e agir. Tudo o que o interlocutor possuía de valores até o momento desmoronava, porque não lhe eram próprios, mas orientados por outros. Assim, Sócrates conduzia o seu interlocutor a viver de forma autêntica, tendo um sentido para a própria existência, num constante conhecer-se.

3. O CONCEITO DE IDEIA E A TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE

Ao contrário de Sócrates, é possível deter um pouco mais sobre a figura histórica de Platão, já que sua existência é possível ser constatada por meio dos inúmeros escritos redigidos por ele mesmo, além de outros compilados por seus alunos na Academia⁶. Platão era proveniente de família política e em sua juventude acabou cultivando um certo apreço pela área. “A intenção inicial de Platão é a política: ele crê na possibilidade de mudar a vida política pela educação filosófica dos homens influentes na cidade” (HADOT, 2014, p. 92). Entretanto, quando Sócrates foi condenado, ficou desiludido, fugiu, levou uma vida errante e posteriormente optou por se dedicar à filosofia, fundando a Academia, um modelo de educação já “institucionalizado”.

A filosofia platônica foi uma resposta à crise vivenciada em sua época. Platão contribuiu para o desenvolvimento de uma compreensão nova de filosofia, sendo esta entendida a partir do *éros*, o amor que busca o que é belo. Para a sofística o conhecimento estava voltado para um fim prático, o saber era algo que podia ser ‘comprado’. Os sofistas eram adeptos a compreender o mundo de maneira estritamente utilitarista. Tanto os Sofistas quanto Platão pretendiam formar o homem para a vida política. Entretanto, segundo Hadot (2014, p. 94),

Platão quis fazer isso dotando-os de um saber bem superior àquele que os sofistas poderiam fornecer-lhes, de um saber que, de uma parte, será fundado sobre um método racional rigoroso e, de outra, segundo a concepção socrática, será inseparável do amor do bem e da transformação interior do homem. Ele não quer somente formar hábeis políticos, mas homens para realizar sua intenção política,

⁶ Uma espécie de comunidade fundada por Platão por volta de 387 a.C, ali se reuniam duas classes de pessoas, os anciãos, que eram os professores e os mais jovens, os alunos.

Platão deve fazer um imenso desvio, isto é, criar uma comunidade intelectual e espiritual que será encarregada de formar, levando o tempo necessário, os novos homens.

Reconhecendo que tudo tinha uma causa suprema e última, e esta não se encontrava no mundo físico, mas num lugar chamado hiperurânio⁷, Platão acabou por fundar certa "metafísica". Platão postulou, então, a existência de dois mundos, ou seja, o mundo sensível - aquele que é acessado pelos sentidos - e o mundo inteligível -, ou mundo das ideias, acessado somente pelo intelecto. Com muita frequência apareceu em seus diálogos "grande quantidade de imagens e alegorias para ilustrar a relação das ideias com a realidade – isso não pode, portanto, ser definido ao acaso, mas tem de ser exposto pela via indireta, com recursos linguísticos e figurativos" (HELFERICH, 2006, p. 31). Assim, Platão considerava que a linguagem não é capaz de lidar com as ideias.

Enquanto os naturalistas tentaram explicar o mundo por meio do sensível e não obtiveram sucesso, Platão propôs-se a explicá-lo por meio do suprassensível, libertando-se, assim, dos sentidos, ficando agora voltado à explicação por meio do intelecto. "As formas platônicas não existem nas abstrações conceituais que a mente humana cria pela generalização de uma classe de particulares; ao contrário, elas possuem uma qualidade de ser, um grau de realidade superior ao do mundo concreto" (TARNAS, 1999, p. 20). O mundo físico, na perspectiva de Platão, conforme Tarnas (1999), era constituído embasado nas formas arquetípicas. Para saber o que era ético ou belo fazia-se necessário ter a ideia daquilo que é ético e belo. Em vista disso, o ser humano necessita de ideias absolutas para poder conduzir a própria vida, a fim de compreender o mundo em que vive. Esta ideia, ou a também chamada de propriedade universal, está além do mundo percebido pelos sentidos, transcende à categoria espaço-tempo. O que é físico perece, é mutável, está em devir, enquanto a ideia continua sendo imutável e absoluta⁸.

Para explicar o porquê algo é belo, os naturalistas se utilizaram de elementos físicos, características perceptíveis por meio dos sentidos, enquanto que, para Platão, existia uma causa que leva a coisa a ser bela. "Essa causa é a ideia ou 'forma' pura do Belo em si, a qual,

⁷ Hiperurânio é o 'lugar' onde, segundo Platão, contém as ideias, sendo este mundo uma cópia do hiperurânio, este está além, acima do sensível.

⁸ Ideia melhor desenvolvida na obra **Fédon** de Platão.

através da sua participação ou presença, [...], faz com que as coisas empíricas sejam belas” (REALE, 1990, p. 135). O ser humano, estando no mundo das ideias, acabava caindo e se encarnava. A partir da encarnação ele não se lembrava mais daquilo que era real, isto é, do ser das coisas. Sendo assim, era necessário fazer o processo de rememoração. Isto quer dizer que o ser humano não conhecia nada de novo, mas rememorava, fazia o processo de *anamnese*⁹, a fim de libertar-se do corpo e ficar voltado àquilo que não engana, que é a alma, sendo o conhecimento verdadeiro o proveniente da mesma. “Com Platão inicia-se a tradição filosófica da desvalorização da sensibilidade humana” (HELFERICH, 2006, p. 32) e a supervalorização da razão, sendo a meta do filósofo participar de forma direta das ideias transcendentais.

Nessa perspectiva, partindo do pressuposto da existência de formas arquetípicas, o filósofo se tornou aquele que é capaz de ir além, afastando-se do externo e purificando-se em relação aos sentidos com a finalidade de atingir o sentido mais profundo da realidade. Sendo assim, a filosofia entendida por Platão não se restringia à atividade teórica – apesar de ele ter formado uma escola –, mas, antes de tudo, sua filosofia consistia num anseio do ser humano à verdade, à beleza e à justiça. Desse modo, a fim de compreender as ideias que moldaram o mundo ocidental, em especial o desenvolvimento da metafísica e do Cristianismo, é imprescindível voltar a Platão, posteriormente será reassumido pelo Cristianismo e influenciará de maneira determinante a literatura subsequente.

4. ARISTÓTELES: A ESTRUTURAÇÃO DA CIÊNCIA

Embora fosse discípulo de Platão, Aristóteles não seguiu estritamente a doutrina do seu mestre. Enquanto Platão foi considerado um idealista, Aristóteles (384-322 a.C.) firmou-se mais na realidade empírica, como um exímio registrador de informações, tendo por base a observação. Pode-se inferir, portanto, que Aristóteles forneceu as bases para a Filosofia, a

⁹ Segundo Bocayuva (2012), a anamnese é um processo pelo qual o indivíduo rememora aquilo que já conheceu antes de se encarnar, quando ainda estava no mundo das ideias. Desse modo, nada se conhece de novo, mas se recorda aquilo que já sabe, pois outrora já conheceu.

Teologia e a Ciência Ocidental¹⁰. Tomando por base a experiência empírica, ele considerava que as coisas são de muitas maneiras. Postural, assim, as categorias, formando um conjunto de dez, isto é, substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, condição, agir, ação, e, sofrer ação, paixão¹¹. Estas categorias são os modos como as coisas aparecem, porém “as substâncias são a base e os sujeitos de tudo o mais. Se as substâncias não existissem, nada mais existiria” (TARNAS, 1999, p. 72). Sendo assim, substância é aquilo que subjaz, que subsiste por si mesmo, livre de todo e qualquer acidente.

Em relação ao mundo das ideias defendido por Platão, Aristóteles, segundo Helferich (2006), considerava desnecessário preocupar-se se existe ou não. Antes de tudo é fundamental aplicar o conhecimento à realidade concreta, fazendo uma experiência a partir do mundo natural e das relações. Dessa forma, Aristóteles resgatou o sentido da experiência sensorial. Ao contrário de seu antigo mestre – Platão -, optou por tomar o mundo e analisá-lo tal como ele era, do modo como era percebido. Cada coisa, de acordo Aristóteles, conforme Tarnas (1999), tinha forma e matéria, sendo a forma o modo como se apresentava e a matéria o que constituía a coisa. “A matéria é antes o substrato não qualificado do ser, a possibilidade da forma, aquilo que a forma modela, impele, traz da potencialidade à realidade” (TARNAS, 1999, p. 74). O modo como a coisa se apresentava chamava-se forma, mas esta não era a substância. Entretanto, qualquer substância tinha uma forma, um modo de se apresentar, fazendo com que ela fosse o que era, havendo possibilidade de distingui-la. Em sentido largo, Aristóteles, diferentemente de Platão, realizou um movimento do mundo ideal para o mundo concreto. Segundo Warburton (2012, p. 9),

Platão teria se contentado em filosofar de dentro de um gabinete; Aristóteles queria explorar a realidade, esta que experimentamos por meio dos sentidos. Ele rejeitou a teoria das formas de seu professor, pois acreditava que a maneira de entender qualquer categoria geral era examinando seus exemplos particulares. Assim, para entender o que é um gato, precisaríamos observar gatos reais, e não pensar abstratamente na forma do gato.

¹⁰ “As distinções entre substância e acidente, matéria e forma, ato e potência, assim como o conceito de finalidade e de “primeiro motor”, tornaram-se fundamentais para a metafísica ocidental. Toda filosofia que, tempos depois, quisesse manifestar-se a respeito do ser teria e tem de abordar a metafísica de Aristóteles” (HELPERICH, 2004, p. 47).

¹¹ Conforme exposto por Helferich (2004, p. 45), as quatro primeiras categorias gozam de uma importância maior – substância, quantidade, qualidade, relação – sendo que, todas as outras estão relacionadas ao ser – à substância -.

Se para Platão todo pensamento e juízo deveriam visar a ideia de bem, Aristóteles buscava se aproximar do mundo. Ele fez, portanto, a filosofia dar um salto, não se prendendo a modelos preestabelecidos por seu antigo mestre. Aristóteles rejeitou a teoria das formas de Platão e propôs que, para entender qualquer coisa, é necessário explorar a realidade, fiando que saber era demonstrar, buscar as causas, isto é, a partir de que material a coisa era constituída; o que fazia um ente ser aquilo que era; quem causou o ente que foi causado; e o fim deste ente, para quê ele foi causado. Aristóteles não estava separado da vida concreta. Ele acreditava poder aplicar seu conhecimento diretamente ao mundo. Por meio do princípio de não contradição, ele fundou o conceito de verdade no mundo ocidental, assim se propondo a explicar a realidade empírica - o mundo que no qual se vive e o modo como o ser humano vive. Aristóteles afirmava que cada coisa tinha um ser e este se manifestava de quatro maneiras, sendo por primeiro, por essência ou por acidente; segundo, por categorias; terceiro, pela verdade, isto é, o ser verdadeiro e o ser falso; e, quarto, segundo a potência e o ato.

As distinções entre substância e acidente, matéria e forma, ato e potência, assim como o conceito de finalidade e de “primeiro motor”, tornaram-se fundamentais para a metafísica ocidental. Toda filosofia que, tempos depois, quisesse manifestar-se a respeito do ser teria e tem de abordar a metafísica de Aristóteles (HELFERICH, 2004, p. 47).

Desse modo, para chegar à verdade era preciso encontrar o ser da coisa, pois algo é verdadeiro quando mostra o ser. Em contrapartida quando não se viabiliza ver seu verdadeiro ser, aparentando outro distinto daquilo que é, pode-se afirmar que é falso. Nessa perspectiva, a falsidade é o ser obscurecido, uma falsa aparência. Ao contrário de Platão, Aristóteles acreditava ser possível compreender os objetos individualmente, a partir de si mesmos, sem a necessidade de recorrer a ‘formas’ arquetípicas. Por meio da investigação, o filósofo participava do intelecto divino. Aristóteles propôs um modo de vida¹² e de discurso, denominado de *teorético*. Ao contrário de teórico, esta é uma vivência, implica um modo de conhecer, a busca pelas causas, tendo por finalidade o próprio saber.

¹² Consiste em observar, investigar e refletir acerca das observações.

Assim, viver é buscar a felicidade, sendo esta encontrada por meio de uma opção de vida – *teorética*. “Nesta perspectiva, a filosofia ‘teorética’ é, ao mesmo tempo, uma ética. [...] É uma ética do desinteresse e da objetividade” (HADOT, 2014, p.125). O que diferencia o ser humano dos animais é o fato de que o ser humano tem a possibilidade de pensar utilizando também a razão, a fim de escolher uma ação a ser praticada. É fundamental desenvolver um padrão de comportamentos, e isso dependerá do modo como o ser humano foi criado, pois é necessário praticar desde cedo cunhando um comportamento ‘normal’. A finalidade de desenvolver as virtudes e buscar a *eudaimonia* – geralmente traduzido por felicidade ou bem-estar –, que está voltada para a relação do ser humano com a sociedade.

5. DE UMA VIVÊNCIA DA FILOSOFIA À “INSTITUCIONALIZAÇÃO”

A época helenística (323 a.C.-143 d.C.) historicamente é identificada pelo período de trezentos anos entre a morte de Alexandre (356-326 a.C.) e a de César (63 a.C.-14 d.C.), sendo um tempo de fusão cultural, por meio das trocas comerciais, ocorrendo respectivamente o contato com o mundo oriental, a Ásia central, a China e a África. No período helenístico o centro da filosofia não é mais a *pólis*, mas o indivíduo. A finalidade da formação filosófica não estava mais atrelada estritamente à política, mas propunha, antes de tudo, uma vida interior. Ao se encontrar com outros povos, o ser humano percebeu que estava situado num mundo, sendo este muito maior do que era entendido até então. “Nessa perspectiva, a filosofia aparece como uma terapêutica dos cuidados, das angústias e da miséria humana, miséria provocada pelas convenções e obrigações sociais” (HADOT, 2014, p. 154). Entre as escolas filosóficas conhecidas do período helenístico destacam-se o estoicismo, o epicurismo e o ceticismo.

A fundação do estoicismo é atribuída a Zenão (490-430 a.C), por volta do século IV a.C. A escola estoica é focada na exigência do bem. Para os estoicos o bem deve ser acessível a todos. Desse modo, sábio é aquele que sabe do que depende e o que não depende para um modo de vida correto. “Há uma coisa, uma única coisa, que depende de nós e que nada nos pode tirar: a vontade de fazer o bem, a vontade de agir conforme a razão” (HADOT, 2014, p.188).

Viver a vida segundo a razão acontece a partir da harmonia no cotidiano. A física estoica induz o ser humano a compreender que nem tudo está sob seu domínio, leva-o a compreender-se como parte de um todo e a perceber que há coisas que dependem dele e outras não estão sob seu domínio. A ética estoica, portanto, é baseada no domínio de si, buscando viver a virtude, sendo estes – o autodomínio e as virtudes - os pilares da ética estoica. Assim, “os estoicos desenvolveram a ideia de uma fraternidade mundial (cosmopolitismo) a partir da lei universal de unidade e de racionalidade inerentes a todos os homens” (HELFERICH, 2006, p. 58). Em consonância com este modo de vida, a lógica postulada pelos estoicos, ao contrário de Aristóteles, não se dá na organização de silogismos, por meio de uma teoria abstrata, mas como um meio de ordenar o discurso interior.

Outra escola do período helenístico que goza de uma expressão significativa é a escola epicurista¹³, fundada por Epicuro (341 – 271 a.C), seus expoentes são conhecidos também como filósofos do Jardim¹⁴. Esses se reuniam num lugar distante da cidade, pois acreditavam que o ser humano bastava por si e era necessário afastar-se das perturbações. O epicurismo visava, por meio de escolhas, levar o ser humano a libertar-se dos sofrimentos da carne, buscando, assim, o prazer, este sendo encontrado de maneira racional, não estando ligado a situações concretas, mas à própria existência. Existem prazeres que são ligados a situações, estando em movimento constante de devir. Por isso, é necessário encontrar o prazer estável, alcançar o equilíbrio. Agindo desse modo será possível evitar o sofrimento. Sendo assim, “a missão da filosofia, a missão de Epicuro, será antes de tudo, terapêutica: será necessário curar a doença da alma e ensinar o homem a viver o prazer” (HADOT, 2014, p.171). Desse modo, sendo o objetivo do ser humano buscar o prazer - visando o equilíbrio e libertando-se do sofrimento - se faziam necessárias a ascese e a meditação, que não poderiam ser desenvolvidas na solidão, mas são possíveis apenas por meio da amizade. Segundo Reale (1990, p. 247),

a regra da vida moral não é o prazer como tal, mas a razão que julga e discrimina, ou seja, a sabedoria que, entre os prazeres, escolhe aqueles que não comportam em si dor e perturbação, descartando aqueles que dão gozo momentâneo, mas trazem consigo dores e perturbações.

¹³ A filosofia Epicurista é classificada por Mariás (2004, p.104), como materialista. Esta resgata a ideia de átomo desenvolvida por Demócrito, presumindo que as coisas existentes são formadas a partir de átomos que são agregados, sendo o universo um mecanismo, desnecessitando de intervenção divina.

¹⁴ Termo empregado por Reale, 1990 cf. p.237.

Portanto, o exercício de vida, a partir da escolha vivencial epicurista, consistia na calma, na serenidade, no gozar os prazeres da alma e aqueles estáveis do corpo, existindo uma linha tênue entre a *apatia* estoica e a *ataraxia*¹⁵ epicurista, pois ambas procuravam levar o ser humano à auto realização pessoal.

Ao lado destas escolas filosóficas, houve outras que tiveram grande impacto no mundo helênico, entre elas o ceticismo. O ceticismo consiste numa postura de dúvida sobre o mundo e opõe entre si aquilo que é pensado. Antes faz a suspensão e, posteriormente, rejeita os juízos. Proporciona um diagnóstico acerca da existência humana, o porquê da infelicidade e tenta oferecer um remédio para o sofrimento. Os filósofos vinculados ao ceticismo se propõem a viver a vida comum, esta vivenciada por aqueles que não são filósofos, de maneira ‘normal’, “conformar-se aos costumes, às leis e às instituições de seu país; seguir suas disposições e tendências naturais: comer quando se tem fome, beber quando se tem sede” (HADOT, 2014, p. 212). Para os cétricos, o ser humano não deve confiar totalmente nos sentidos, pois eles podem enganar. O ser humano pode até obter informações precisas por meio dos sentidos, porém é necessário duvidar ao máximo a fim de se chegar à verdade, eliminando a possibilidade de erro. “A vivência central do cétrico é, portanto, o caráter contraditório tanto da experiência como do pensamento” (HELFERICH, 2006, p. 61). Em suma, a meta apregoada pelos cétricos consiste em viver uma escolha existencial filosófica, de um estilo de vida distante da filosofia e dos seus problemas, ou seja, procuram viver a vida tal como ela é.

Posteriormente, por volta do século I a.C, a filosofia começou a se institucionalizar no Império Romano. Nesse período tem-se início a fundação de escolas em várias partes do mundo conhecido de então. Entretanto, diferentemente do modelo helenístico, na Era Imperial - assim denominado este período – o ensino filosófico não consistiu mais numa opção existencial, mas em aprender tendências doutrinárias, uma busca em aperfeiçoar-se na cultura geral. O ensino consistiu mais em comentar textos já escritos das escolas precedentes e de filósofos que existiram. Segundo Hadot (2014, p. 216),

Enquanto na época precedente a atividade escolar consistia, antes de tudo, em formar os alunos nos métodos de pensamento e

¹⁵ Conceito tomado por Epicuro para designar o estado de paz, o qual o indivíduo deve alcançar, em relação aos sofrimentos corporais e perturbações ao espírito.

argumentação, e os membros da escola frequentemente tinham opiniões muito diferentes, nessa época o ensino de uma ortodoxia torna-se essencial. A liberdade de discussão, que sempre existira, é muito mais restrita.

Desse modo, os problemas inerentes a esta época já não são mais pautados em discussões. Esquiva-se de uma filosofia da vida cotidiana para comentar o que filósofos anteriores disseram sobre os problemas e as coisas. Em contrapartida, ainda restam alguns resquícios ‘do pensar’, pois, ao debruçarem tendo por fim comentar estes autores, pode-se inferir que ao lê-los eram provocados a uma transformação de si, mesmo que as escolas neste período não mais fossem lugares de encontro e discussão para aqueles que optaram por um estilo de vida.

Embora seja impreciso qualificar um determinado período - haja vista o tempo transcorrido desde o surgimento da noção de filosofia no Ocidente – pode-se dizer que a filosofia clássica foi marcada por três eventos cruciais que contribuíram para o seu desenvolvimento no ocidente. O ser humano começa se questionando acerca da existência do mundo, se indaga acerca da origem do cosmo, o princípio que principiou o principiado. Comumente é atribuído a estes primeiros o nome de naturalistas ou pré-socráticos. A partir destes questionamentos, começa a surgir a noção de filosofar no Ocidente, rompendo com os saberes míticos. Após este primeiro momento, no decorrer da história, o ser humano começa a se perguntar acerca das coisas, inquirindo-se como as coisas são constituídas, visando uma filosofia voltada à vida em sociedade, capaz de discutir problemas e oferecer alternativas de acordo com as crises que o indivíduo vivencia ao longo de sua existência, em suma, uma filosofia da *polis*. Entretanto, tendo o ser humano buscado se perguntar sobre a origem do mundo, rompendo com os mitos, questionado sobre as coisas, propondo uma filosofia voltada à vida cotidiana, no findar da era clássica o ser humano começa a indagar-se sobre o sentido da própria existência.

Neste período da filosofia antiga, os filósofos mais marcantes, os quais contribuíram de maneira significativa para o desenvolvimento da filosofia ocidental foram Platão e Aristóteles. Platão desenvolve o conceito de mundo das ideias, a realidade tal como se apresenta é feita a partir de formas arquetípicas. Este mundo - o qual é possível perceber por meio dos sentidos - é uma cópia de outro mundo que está além deste, sendo que o indivíduo

antes de se encarnar estava neste outro. O pensamento de Platão depois foi reassumido e influenciou de maneira significativa a estruturação do pensamento cristão. Em contrapartida, Aristóteles propõe retornar ao mundo concreto, supervalorizando os sentidos novamente. Para ele, o conhecimento é possível a partir da observação, investigação e reflexão. O mesmo dará as bases para toda a filosofia, teologia e ciência Ocidental, recebendo a característica de ser um dos maiores registradores de informações.

O pensamento ocidental, destarte, é marcado pela transição de uma visão ideal, em Platão, para uma perspectiva mais concreta, resgatando o valor dos sentidos, com Aristóteles. Por fim, este processo de desenvolvimento, em meio ao estoicismo, ao ceticismo, ao epicurismo e a outras correntes filosóficas, buscou também se debruçar sobre a finalidade da vida do ser humano, designada por felicidade. No final do período helenístico e início do período florescente das escolas imperiais, a filosofia se institucionaliza, visando responder às necessidades do Império Romano. Assim, de certa forma, ela teve que se formatar aos ditames do Estado, já que foi se tornando propriedade do mesmo. Outrora existiam comunidades de mestres e discípulos, nas quais a preocupação era formar o filósofo. Com a institucionalização as escolas passaram a buscar não tanto filosofar, mas a comentar o pensamento dos autores do passado, a formar não o filósofo, mas de acordo com a doutrina dos filósofos que os precederam.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia surge de um questionamento acerca do cosmo, das coisas, do princípio que originou aquilo que existe. Nesse sentido, a partir da experiência que o ser humano faz de se entender num tempo e espaço, ele percebe que existe um mundo além daqueles oferecidos por divindades. O mundo não está sujeito a explicações míticas, já que estas em muitos casos acabam por não fazer sentido, tampouco serem compreensíveis à razão. O ser humano neste período da filosofia clássica, percorre um caminho terapêutico, ou seja, tenta dar respostas às suas indagações existenciais: “Quem sou?”, “De onde vim?” e “Para onde vou?”.

Seguido a isso, na tentativa de encontrar respostas, surgem várias alternativas que foram expostas ao longo do primeiro capítulo ao abordar as contribuições de Sócrates, Platão, Aristóteles, dentre outros que também propuseram estilos de vida como resposta à “tranquilidade da alma”. Ao delinear neste trabalho algumas das ideias que perpassam a história da filosofia clássica – antiga - no Ocidente, marcado por profundas transformações que levaram a modificações no modo de pensar e agir, pode-se perceber a “degradação” do pensamento filosófico iniciado já no final do período clássico, onde a filosofia acaba se institucionalizando e perde sua autonomia e liberdade de pensar as situações corriqueiras que estão presentes no cotidiano da vida do ser humano.

Outro ponto que pode-se notar no decurso deste trabalho é que as ideias que se desenvolvem no Ocidente, de modo particular, as que influenciam no período clássico estão estritamente ligadas à história. Assim, a filosofia necessita da história para se desenvolver e na história a transforma por meio das ideias pensadas. Desse modo, a filosofia está na história, mas não subordinada a ela, mas, antes é capaz de pensar a própria história em que está inserida.

REFERÊNCIAS

- TARNAS, Richard. **A epopeia do pensamento ocidental: para compreender as deias que moldaram nossa visão de mundo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- MARROU, Henri Irénée. **História da educação na Antiguidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- HELPERICH, Christoph. **Historia da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- DE LIMA VAZ, Henrique C. **Antropologia Filosófica I**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.
- MARÍAS, Julian. **História da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia, Volume 1 - Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulus, 1990.
- WARBURTON, Nigel. **Uma breve historia da filosofia**. São Paulo: L&PM, 2012.
- HADOT, Pierre. **Elogio de Sócrates**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?** São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- BOCAYUVA, Izabela. **A anámnese em Platão**. HYPNOS, São Paulo, número 29, 2º semestre 2012, p. 269-288, 17 Jun. 2018.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
synesis@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



VERAS, Cesar Augusto; BORGES, Pedro Pereira. A transformação de uma filosofia terapêutica à institucionalização. **Synesis**, v. 10, n. 2, 2018. ISSN 1984-6754. Disponível em:
<http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1600>
